

## Recensões

num esforço de simplificação, apenas as que têm ligação directa com a história.

Tendo em mente as considerações tecidas, registre-se, por último, que, sendo um livro destinado sobretudo aos jovens, revela-se um documento de inegável préstimo para o público mais crescido, quer pela possibilidade de dar a conhecer factos e realidades de um passado distante, quer pela forma inovadora como ajuda a actualizar aspectos menos difundidos ou até esquecidos da antiguidade clássica.

ISABEL GRAÇA

**Jostein Garden, *A Vida é Breve*, Lisboa, Editorial Presença, Coleção Grandes Narrativas, vol. 66, 1998.**

Com a edição de *O Mundo de Sofia*<sup>1</sup>, Jostein Gaarder pretendeu, e conseguiu, ministrar uma série de lições de filosofia para adolescentes; no entender da maioria dos seus leitores, tornou a filosofia inteligível para os que a não entendem na sua plenitude.

Agora, o mesmo autor reconhece ter escrito o seu primeiro livro para adultos: *A Vida é Breve*.

Se em *O Mundo de Sofia* veiculou um curso de filosofia através de uma série de cartas destinadas a uma jovem estudante de catorze anos, desta vez, o escritor norueguês produziu um romance filosófico, também ele, em forma epistolar.

*A Vida é Breve* narra a história de um amor controverso, o de Aurélio Agostinho, futuro santo e padre da Igreja, com a culta e apaixonada Flória Emília, uma personagem que o autor reconstruiu com base nas referências superficiais que o próprio Santo Agostinho fornece nos seus escritos.

Este relacionamento é agora contado (e inventado) por Gaarder, que, servindo-se de um clássico expediente romanesco — o encaixe de uma narrativa em outra —, traduz a longa carta escrita pela amante ao homem que entretanto a repudiou para abraçar a vida religiosa.

*Vita Brevis* — é este o título original do livro — é, pois, a suposta tradução de um manuscrito que Gaarder encontrou numa feira do livro, em Buenos Aires, com a inscrição *Codex Floriae*. Seria «a reprodução de uma carta até agora desconhecida, para o padre da Igreja», da mulher a quem ele renunciou pela castidade? Tratar-se-ia «da cópia de outra reprodução mais antiga»? Ou seria esta carta um manuscrito apócrifo? São estas as perguntas

---

<sup>1</sup> Esta obra, publicada em 1994, foi traduzida em cerca de quarenta idiomas e já vendeu mais de dez milhões de cópias em todo o mundo.

## Recensões

que o autor faz a si próprio e ao leitor, numa breve introdução, à maneira de um prólogo.

Após uma análise minuciosa da sintaxe, do vocabulário e do estilo usados no documento, Gaarder acaba por concluir que o mais natural seria aceitar que o original proviria da época de Santo Agostinho e que o *Codex Floriae* constituiria uma reprodução genuína dessa carta pessoal.

Se aceitarmos como válida esta premissa, que o *Codex Floriae* constitui uma cópia legítima de uma carta medieval original, percebemos também que Gaarder tropeçou num achado ainda mais interessante: Flória Emília. Sabemos que Flória existiu, porque Santo Agostinho a menciona, ainda que indirecta e superficialmente, na sua famosa autobiografia espiritual *Confissões*. No entanto, conhecemos muito pouco acerca dela. Ora este livro propõe-se colmatar, ainda que no campo da ficção, as lacunas existentes na versão agostiniana desta história de amor. Quem sabe qual teria sido a verdadeira resposta de Flória às *Confissões* daquele que foi seu amante durante mais de uma década? Gaarder propõe-nos uma hipotética reacção de Emília às declarações de Agostinho.

Em *A Vida é Breve*, Flória Emília revela-nos algo mais de si. As palavras que dedica ao seu eterno amante espelham a alma de uma mulher que se sente preterida, amargurada e até frustrada nos seus desejos mais íntimos. Qual Dido, também Flória viveu em Cartago, também ela se apaixonou por um homem destinado a uma missão superior, também ela foi abandonada (cf. pp. 40-41 ou 83). Para ela, estas suas confissões<sup>2</sup>, são a resposta às *Confissões* de Aurélio Agostinho, mais especificamente, às observações que o mesmo faz acerca dela e do relacionamento amoroso que um dia se estabeleceu entre ambos.

Após a leitura das cartas de quem a havia repudiado, esta mulher decide rebater os princípios defendidos pelo padre da Igreja, que, na sua opinião, coarctam e restringem os sentimentos e a liberdade humana. Servindo-se de armas poderosas da filosofia clássica, recorrendo a argumentos que vão desde Aristóteles a Cícero, Flória reprova com amargura o facto de Agostinho ter decidido aceitar a separação permanente da sua outra metade, baseando-se na crença de que Deus deseja que todos os homens vivam na abstinência (cf. p. 46). Flória Emília chega mesmo a repetir por diversas vezes não poder ter fé «num Deus que exige sacrifícios humanos, (...) que destrói a vida de uma mulher para salvar a vida de um homem» (p. 47).

A escolha de Aurélio Agostinho não foi uma escolha fácil. Aliás, no Livro VI, escreveu: «Afastaram de mim, como impedimento para o

---

<sup>2</sup> É assim que Flória define as suas reflexões. Cf. p. 29.

matrimónio, aquela com quem eu partilhava o leito. O meu coração, tão preso a ela, ficou destroçado e ferido até sangrar.»<sup>3</sup>

No entanto, enquanto Agostinho vai confessando algum remorso, a intensidade da sua dor deixa de ter significado quando comparada à que Flória Emília sente, como podemos constatar pelas palavras inscritas no *Codex Floriae* (cf. pp. 19-20).

Para Santo Agostinho, evitar a condenação da sua alma significava renunciar aos prazeres do corpo na sua totalidade. Ele seguiu o caminho da abstinência, acreditando na ideia de que o seu sacrifício na terra seria plenamente recompensado no céu.

Emília não conseguiu aceitar a sua insensibilidade perante os naturais desejos humanos. No entanto, apesar de aquele não ter sido capaz de a fazer acreditar na utopia da vida eterna, fê-la pelo menos aperceber-se do valor precioso da vida (cf. pp. 43).

Colher os doces e belos frutos que a nossa efémera existência nos oferece, partilhá-los e celebrá-los durante o precioso tempo que passamos na terra, eis a mensagem singela que Flória Emília nos deixa em *A Vida é Breve* (cf. p. 81).

Jostein Gaarder revelou, como já vem sendo hábito, imensa criatividade ao imaginar o que teria sentido Flória quando Agostinho a repudiou, o que teria ela escrito em resposta às *Confissões* dele. A imagem que esboçou desta mulher enigmática não só se torna verosímil, como ainda mais real do que qualquer relato histórico.

Importa, todavia, referir que este livro não se resume à resposta de uma antiga amante de Agostinho; é também a resposta de qualquer leitor moderno que, após a leitura das suas *Confissões*, partilhe com Flória as críticas à filosofia do padre da Igreja.

Por isso, *A Vida é Breve* é mais do que uma narrativa de ficção verosímil; para nós, é também uma resposta filosófica a uma das mais paradigmáticas e influentes obras do pensamento ocidental.

Que poderemos nós dizer quanto à verosimilhança deste documento?

Conforme é sugerido na introdução, a autenticidade da história deve ser avaliada pelos leitores. Embora a forma como Gaarder encontra e adquire o *Codex Floriae* possa, pelo menos para alguns, parecer pouco provável, quanto a nós, a carta em si consegue persuadir-nos da sua autenticidade. A procura de exactidão histórica e a imaginação de Jostein Gaarder contribuem para que esta epístola resulte verosímil. A narrativa consegue cativar-nos e até comover-nos. Ao lê-la, conseguimos ter a sensação de ouvirmos a voz de uma mulher pronunciá-la. Ora, para um autor do sexo masculino, esta proeza adquire ainda maior significado.

---

<sup>3</sup> Conf. 6.15.

## Recensões

O artifício de fornecer ao leitor informações de natureza filológica e citações latinas em nota de rodapé consegue criar a ilusão de que se trata de uma genuína tradução de um documento latino antigo. Veja-se, a título de exemplo, a nota 33, na página 33, em que Gaarder cita um celeberrimo passo de Terêncio<sup>4</sup> (*Homo sum; nihil humanum a me alienum puto*) e apresenta a sua correcta tradução (“Sou humano e considero que nada do que é humano me é alheio”). Embora conscientes de que prover o leitor de informação filológica rigorosa não seria o objectivo primeiro do autor, aprazer-nos-ia ver enriquecida esta nota, com a referência à fonte da citação: *Heautontimoroumenos*, 77 (cf. notas 15, 16, 45, etc.). Já na página 20, incorpora no discurso de Flória a tradução de uma citação de Cícero (“Ó tempos! Ó costumes!”), apresenta em nota de rodapé (nota 7) a expressão latina original (*O tempora, o mores!*), identifica o seu autor, Cícero, e refere que o orador utilizou “esta expressão várias vezes nos seus discursos” (cf. notas 12, 18, 29, 30, 37, 61, 104, 121, entre outras).

*A Vida é Breve* é uma história de sentimentos humanos, de traição, de fé e de desespero, é a história de uma mulher que jamais aceitou a perda do seu amante e de um homem que jamais a esqueceu. Mas é também um documento arrebatador que proporciona ao leitor um conhecimento mais ou menos profundo da vida e da filosofia de Santo Agostinho. Recomendaríamos este livro a qualquer leitor interessado, conhecedor ou não da cultura clássica e/ou das *Confissões* de Santo Agostinho. Tal como o próprio Gaarder, ficaríamos bastante satisfeitos se *A Vida é Breve* «viesse a despertar o interesse pela língua latina e pela cultura clássica em geral»<sup>5</sup>. Certos de que conseguirá estimular e envolver os seus leitores neste processo, resta-nos, pois, esperar que o escritor consiga dar cumprimento aos seus desejos.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA

### **José Leon Machado, *O Guerreiro Decapitado*, Porto, Campo das Letras, Colecção Campo de Estreia, vol. 14, 1999.**

Apesar de contar apenas 33 anos, José Leon Machado apresenta já uma obra considerável, que inclui poesia, contos, romances, crónicas, teatro, literatura de natureza autobiográfica e ensaios. Colabora ainda em várias revistas e jornais, com artigos e crónicas de crítica literária, e coordena uma considerável base de dados de literatura portuguesa, o *Projecto Vercial*

---

<sup>4</sup> Note-se que o nome deste autor apresenta uma gralha: dever-se-á substituir *Tenêncio* por *Terêncio*.

<sup>5</sup> Cf. p. 14.